

Comunicação suplementar e alternativa para crianças com necessidades complexas de comunicação: opinião de pais e cuidadores

Augmentative and alternative communication for children with complex communication needs: the opinions of parents and caregivers

Comunicación suplementaria y alternativa para niños con necesidades complejas de comunicación: opinión de los padres y cuidadores

Franciane da Silva Nascimento¹ 

Rivail Almeida Brandão Filho¹ 

Flávia Fialho Cronemberger¹ 

Natalie Argolo Pereira Ponte¹ 

Paula Taís Moreira² 

Renata de Assis Fonseca Santos Brandão¹ 

Resumo

Introdução: Tecnologias assistivas incluem recursos, práticas e serviços que têm como objetivo promover a funcionalidade, a qualidade de vida e a autonomia da pessoa com deficiência. Diante de necessidades complexas de comunicação, sistemas de tecnologias assistivas como a Comunicação Suplementar e Alternativa podem ser indicados. **Objetivo:** Analisar a opinião de pais e cuidadores de

¹ Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Salvador, BA, Brasil.

² Centro Estadual de Prevenção e Reabilitação da Pessoa com Deficiência - CEPRED, Salvador, BA, Brasil.

Contribuição dos autores:

FSN: concepção do estudo, metodologia, coleta de dados, esboço do artigo.

RABF: metodologia, revisão crítica.

FFC, NAPP: revisão crítica.

PTM: coleta de dados.

RAFSB: concepção do estudo, metodologia, revisão crítica, orientação.

Email para correspondência: fonofranciane@gmail.com

Recebido: 14/04/2025

Aprovado: 03/07/2025

crianças com necessidades complexas de comunicação, em relação ao uso e às barreiras à implementação da Comunicação Suplementar e Alternativa. **Materiais e método:** Trata-se de um estudo transversal descritivo, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida por meio da aplicação de um questionário, respondido por pais e cuidadores de crianças usuárias de Comunicação Suplementar e Alternativa atendidas em um centro de referência em reabilitação da pessoa com deficiência, localizado em Salvador-BA. **Resultados:** Responderam à pesquisa, 15 participantes. A partir da análise da opinião de pais e cuidadores, percebeu-se aquisição e/ou desenvolvimento de habilidades comunicativas por meio do uso da Comunicação Suplementar e Alternativa, destacando-se a intencionalidade, a iniciativa comunicativa e a troca de turnos. As principais barreiras à sua implementação, nesta pesquisa, foram de natureza ambiental/social e material. Pais e cuidadores consideram a Comunicação Suplementar e Alternativa importante para a comunicação de seus filhos/tutelados. **Conclusão:** A adesão por parte dos interlocutores familiares pode contribuir para o sucesso na implementação da Comunicação Suplementar e Alternativa. Conhecer a percepção que pais e cuidadores têm a respeito das tecnologias assistivas voltadas à comunicação permite identificar fatores facilitadores e barreiras que impactam no processo.

Palavras-chave: Sistemas de comunicação alternativos e aumentativos; Transtornos da comunicação; Família; Cuidadores.

Abstract

Introduction: Assistive technologies include resources, practices, and services that aim to promote functionality, quality of life, and autonomy for people with disabilities. In the face of complex communication needs, assistive technology systems such as Augmentative and Alternative Communication may be indicated. **Objective:** To analyze the opinions of parents and caregivers of children with complex communication needs regarding the use and barriers to the implementation of augmentative and alternative communication. **Materials and method:** This is a descriptive cross-sectional study with a quantitative approach. The research was developed through the application of a questionnaire answered by parents and caregivers of children who use Augmentative and Alternative Communication and are treated at a reference center for the rehabilitation of people with disabilities located in Salvador-BA. **Results:** A total of 15 participants responded to the survey. Based on the analysis of the opinions of parents and caregivers, it was noted that communication skills were acquired and/or developed using Augmentative and Alternative Communication, with emphasis on intentionality, communicative initiative, and turn-taking. The main barriers to its implementation in this study were environmental/social and material in nature. Parents and caregivers consider Augmentative and Alternative Communication important for the communication of their children/wards. **Conclusion:** Adherence by family members can contribute to the successful implementation of Augmentative and Alternative Communication. Understanding the perceptions that parents and caregivers have about assistive technologies for communication allows us to identify facilitating factors and barriers that impact the process.

Keywords: Augmentative and alternative communication systems; Communication disorders; Family; Caregivers.

Resumen

Introducción: Las tecnologías de apoyo incluyen recursos, prácticas y servicios cuyo objetivo es promover la funcionalidad, la calidad de vida y la autonomía de las personas con discapacidad. Ante necesidades comunicativas complejas, pueden recomendarse sistemas de tecnologías de apoyo como la Comunicación Suplementaria y Alternativa. **Objetivo:** Analizar la opinión de padres y cuidadores de niños con necesidades comunicativas complejas en relación con el uso y las barreras para la implementación de la Comunicación Suplementaria y Alternativa. **Materiales y método:** Se trata de un estudio transversal descriptivo, con un enfoque cuantitativo. La investigación se llevó a cabo mediante la aplicación de un cuestionario, respondido por padres y cuidadores de niños usuarios de la Comunicación Suplementaria y Alternativa atendidos en un centro de referencia en rehabilitación de personas con discapacidad, ubicado en Salvador-BA. **Resultados:** Respondieron a la encuesta 15 participantes. A partir del análisis de la

opinión de padres y cuidadores, se observó la adquisición y/o el desarrollo de habilidades comunicativas mediante el uso de la Comunicación Suplementaria y Alternativa, destacando la intencionalidad, la iniciativa comunicativa y el intercambio de turnos. Las principales barreras para su implementación, en esta investigación, fueron de naturaleza ambiental/social y material. Los padres y cuidadores consideran que la Comunicación Suplementaria y Alternativa es importante para la comunicación de sus hijos/tutelados. **Conclusión:** La adhesión por parte de los interlocutores familiares puede contribuir al éxito en la implementación de la Comunicación Suplementaria y Alternativa. Conocer la percepción que tienen los padres y cuidadores sobre las tecnologías de apoyo orientadas a la comunicación permite identificar los factores facilitadores y las barreras que afectan al proceso.

Palabras clave: Sistemas de comunicación alternativos y aumentativos; Transtornos de la comunicación; Familia; Cuidadores.

Introdução

A comunicação é um processo que envolve tanto a recepção quanto a expressão da linguagem, por meio da qual o sujeito é inserido na cultura e na sociedade. Ela é constituída por elementos verbais e não verbais que transmitem ao interlocutor a mensagem pretendida pelo emissor¹. Quando a oralidade se encontra restrita, faz-se necessário ampliar as possibilidades comunicativas para que a autonomia dialógica do indivíduo seja garantida².

As tecnologias assistivas (TA) englobam recursos, produtos, práticas e serviços que promovem a funcionalidade, a qualidade de vida e a inclusão social da pessoa com deficiência³, sendo a Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) um exemplo de TA. A CSA é uma área interdisciplinar do conhecimento, com interesses clínicos, educacionais e científicos, que utiliza signos verbais e não verbais para dar suporte e mediar as relações dialógicas de sujeitos com necessidades complexas de comunicação^{4,5}.

Os sistemas de CSA podem utilizar diferentes canais para a expressão da linguagem, como gestos, expressões faciais, símbolos concretos e escrita. Podem ser classificados como de baixa tecnologia, produzidos com custo reduzido e pouca complexidade, como pranchas pictográficas e/ou ideográficas impressas, objetos e fotografias. Ou classificados como de alta tecnologia, que incluem recursos eletrônicos, como pranchas de comunicação digitais, vocalizadores e aplicativos de smartphone^{1,6}. Por meio da CSA, o indivíduo pode expressar desde necessidades fisiológicas até desejos, opiniões, sentimentos, trocar informações e outras manifestações^{5,7}. A CSA permite

que o usuário expresse aquilo que não é capaz de comunicar pelos meios naturais².

É importante destacar que, além de promover autonomia e inclusão social, a CSA favorece a aquisição, ampliação e desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva⁸. É incorreto inferir que, na ausência de fala oralizada, não existe sujeito, pois o uso da comunicação não verbal (gestos, mímica facial e o corpo como um todo), ou seja, formas de comunicação não mediados ou não assistidos, que embora não exijam equipamento adicional, também possibilitam a expressão de linguagem^{9,10}. No entanto algumas pessoas necessitam de soluções mediadas com uso de sistemas de apoio externo, como os recursos de CSA; tais recursos apoiam a comunicação permitindo que indivíduos que não são capazes de comunicar pelos meios não mediados tenham autonomia comunicativa e expressem sua subjetividade e singularidade¹¹.

O usuário de CSA pode se tornar autor do seu próprio discurso, assumindo papel ativo na interação comunicativa⁹. No entanto, para que a comunicação funcional ocorra, é necessário capacitar os parceiros dialógicos do sujeito, a fim de que saibam utilizar as ferramentas de CSA e se tornem aptos a atribuir significado linguístico às formas de comunicação do usuário².

A literatura aponta que a implementação e sucesso da CSA depende também de familiares, cuidadores, professores e terapeutas que, devidamente instrumentalizados, atuam como facilitadores, incentivando o uso da CSA nos diversos contextos sociais nos quais os usuários estão inseridos. Por outro lado, o inverso também é verdadeiro: mesmo os interlocutores mais próximos podem representar barreiras quando não aderem à CSA ou apresentam atitudes que dificultam a autonomia do usuário^{2,12,13}.

Tendo em vista o que foi exposto, este trabalho tem como objetivo analisar a opinião de pais e cuidadores de crianças com necessidades complexas de comunicação, em relação ao uso e às barreiras à implementação da Comunicação Suplementar e Alternativa.

Material e método

Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, com corte transversal e descritivo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado da Bahia sob o número do parecer 5.185.608, assegurando-se o cumprimento das exigências da legislação vigente. A anuência para realização do estudo foi solicitada à instituição local da pesquisa e concedida pela mesma.

A pesquisa foi realizada com pais e cuidadores de crianças com necessidades complexas de comunicação, atendidas no setor de neuropediatria de uma instituição pública referência em reabilitação da pessoa com deficiência, situada na cidade de Salvador-BA. Após realizar um levantamento interno para verificar quais pacientes atendiam aos critérios de inclusão da pesquisa e haver consultado e recebido autorização dos responsáveis para o compartilhamento do número telefônico com as pesquisadoras, a instituição disponibilizou o número de contato de 16 pais ou cuidadores de crianças usuárias de CSA.

Os critérios de inclusão abrangeram: ter filho ou tutelado com idade entre 3 e 17 anos de idade, usuário de CSA, ter idade igual ou superior a 18 anos e consentir com a pesquisa ao sinalizar concordância no termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Os critérios de exclusão abrangeram: pais e cuidadores que não vivenciassem a rotina da criança/jovem usuária de CSA ou que tivessem filhos ou tutelados com deficiência visual.

Aqueles que preencheram os critérios de seleção foram então contatados por meio de aplicativo de mensagem e convidados a participar da pesquisa. Todos os que aceitaram o convite receberam um link por meio do mesmo aplicativo de mensagem. Ao clicar no link, era direcionado a realizar a leitura do TCLE. Concluída a leitura, duas opções foram apresentadas, sendo elas: “concordo em participar” e “não concordo em participar”. Todos os que clicaram na primeira opção foram incluídos como participantes e tiveram acesso ao questionário da

pesquisa, tendo sido enviada uma cópia do TCLE para o e-mail pessoal.

O questionário, instrumento da coleta, foi desenvolvido a partir da adaptação de dois roteiros: o roteiro de entrevista para identificação de habilidades comunicativas de crianças e o roteiro para analisar a percepção das mães sobre a implementação da Comunicação Suplementar e/ou Alternativa, ambos elaborados por Manzini (2013)¹⁴. As adaptações foram realizadas com o objetivo de adequar a linguagem ao público-alvo e contemplar as especificidades do serviço onde a pesquisa foi conduzida. Foram feitas inclusões e exclusões de perguntas, resultando em um questionário composto por 27 questões fechadas, com opções de resposta única e múltipla, organizadas em duas seções: perfil socioeconômico e uso da CSA. O questionário foi disponibilizado em formato digital por meio da plataforma *Google Forms*, e enviado aos participantes por aplicativo de mensagens (*Whatsapp*). O tempo estimado para preenchimento foi de aproximadamente 10 minutos. Os pesquisadores permaneceram disponíveis para esclarecimentos, comprometendo-se a não interferir ou influenciar nas respostas.

Cabe ressaltar que a participação foi voluntária, foi assegurado ao participante o direito de não aceitar responder à pesquisa ou, uma vez tendo aceitado, desistir de sua participação sem acarretar prejuízos de vínculo no atendimento junto à instituição. A identidade de todos os participantes foi mantida em sigilo.

Os dados coletados foram armazenados em nuvem, tabulados em programa próprio para planilha e analisados por meio de análise quantitativa descritiva.

Resultados

A pesquisa foi respondida por 15 participantes, sendo 13 (86,7%) do sexo feminino e 2 (13,3%) do sexo masculino. A participação feminina foi mais expressiva, sendo que, das mulheres que responderam à pesquisa 11 (73,3%) eram genitoras, 1 (6,7%) irmã e 1 (6,7%) cuidadora. Sobre o perfil socioeconômico dos participantes, 13 (86,7%) viviam em área urbana e 2 (13,3%) em zona rural. Quando questionados a respeito do rendimento mensal, 8 (53,3%) afirmaram viver com renda mensal inferior a um salário-mínimo e 7 (46,7%) com renda mensal de 1 a 3 salários-mínimos.

Nenhum dos filhos/tutelados dos participantes da pesquisa apresentou idade de 12 a 17 anos no momento da coleta, desse modo, embora a pesquisa se propusesse a conhecer também a opinião de pais e cuidadores de jovens usuários de CSA, os dados coletados dizem respeito apenas à percepção de pais e cuidadores de crianças de 3 a 11 anos de idade.

Além das necessidades complexas de comunicação, os usuários de CSA atendidos na instituição apresentam outros comprometimentos, com destaque para deficiência motora 11 (55%), deficiência cognitiva 6 (30%) e transtornos do neurodesenvolvimento 2 (10%). Quando questionados a respeito do tipo de sistema de tecnologia assistiva para a comunicação utilizada por seus filhos/tutelados, 12 (80%) responderam que utilizam sistemas de CSA de baixa tecnologia (pranchas de papel, miniaturas ou objetos) e 3 (20%) afirmaram fazer uso de sistemas de CSA de alta tecnologia (aplicativos, computadores ou vocalizadores).

Sobre a frequência com que os usuários de CSA iniciam turnos comunicativos, 4 (26,7%) responderam sempre, 5 (33,3%) muitas vezes, 5 (33,3%) às vezes e 1 (6,7%) nunca. Sobre os meios

de comunicação utilizados pelas crianças usuárias de CSA: 9 (60%) gestos, 8 (53,3%) olhares, 8 (53,3%) movimentos corporais, 6 (40%) expressões faciais, 2 (13,3%) vocalizações e 1 (6,7%) fala articulada.

A pesquisa apontou que os principais interlocutores das crianças usuárias de CSA são: familiares 15 (44,1%), amigos 8 (23,5%), professores 7 (20,6%) e vizinhos 4 (11,8%). No que diz respeito à frequência de uso da CSA no ambiente familiar, 8 (53,3%) afirmaram utilizar muitas vezes, 4 (26,7%) às vezes e 3 (20%) sempre estabelecer atividade dialógica mediada pela CSA. Nos ambientes sociais fora do domicílio, 9 (60%) responderam que utilizam às vezes, 4 (26,7%) raramente, 1 (6,7%) muitas vezes e 1 (6,7%) sempre. Os tipos de informações comunicadas por meio da CSA segundo o que foi percebido pelos pais/cuidadores: 14 (93,3%) felicidade, 8 (53,3%) vontades, 6 (40%) medo, 6 (40%) dor e 4 (26,7%) tristeza.

Foi realizada uma comparação entre as habilidades funcionais de comunicação, antes e após a implementação da CSA (Figuras 1 e 2), de acordo com o que foi percebido pelos pais/cuidadores.

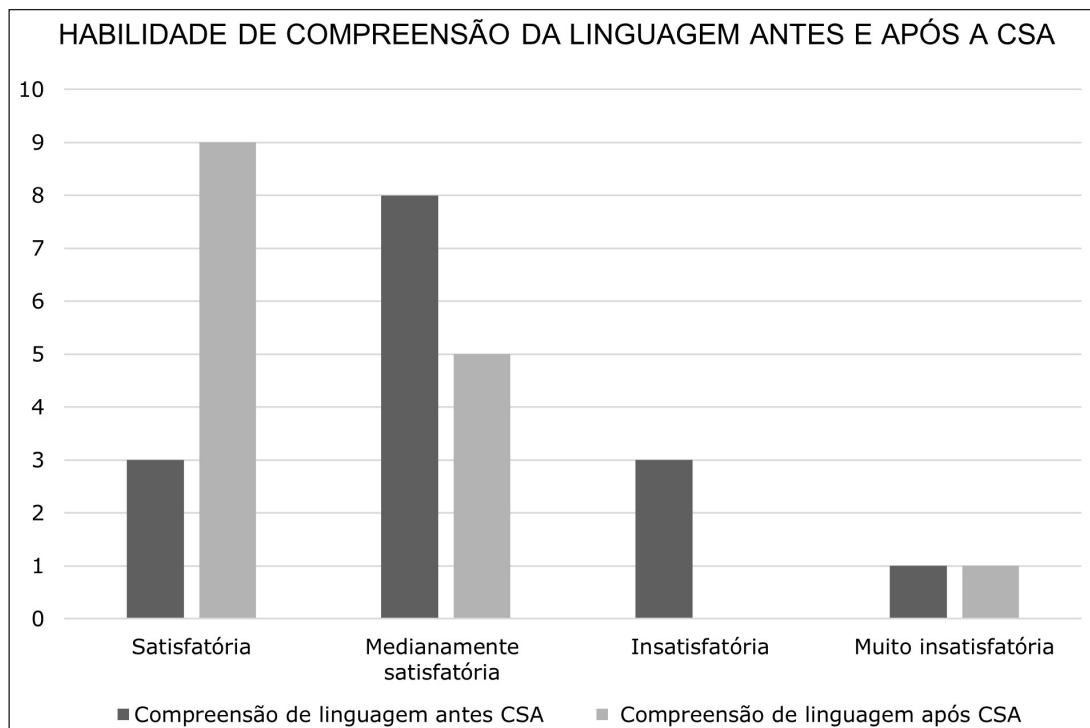


Figura 1. Representação em colunas da opinião de pais/cuidadores quanto a habilidade da compreensão da linguagem antes e após a implementação da Comunicação Suplementar e Alternativa.

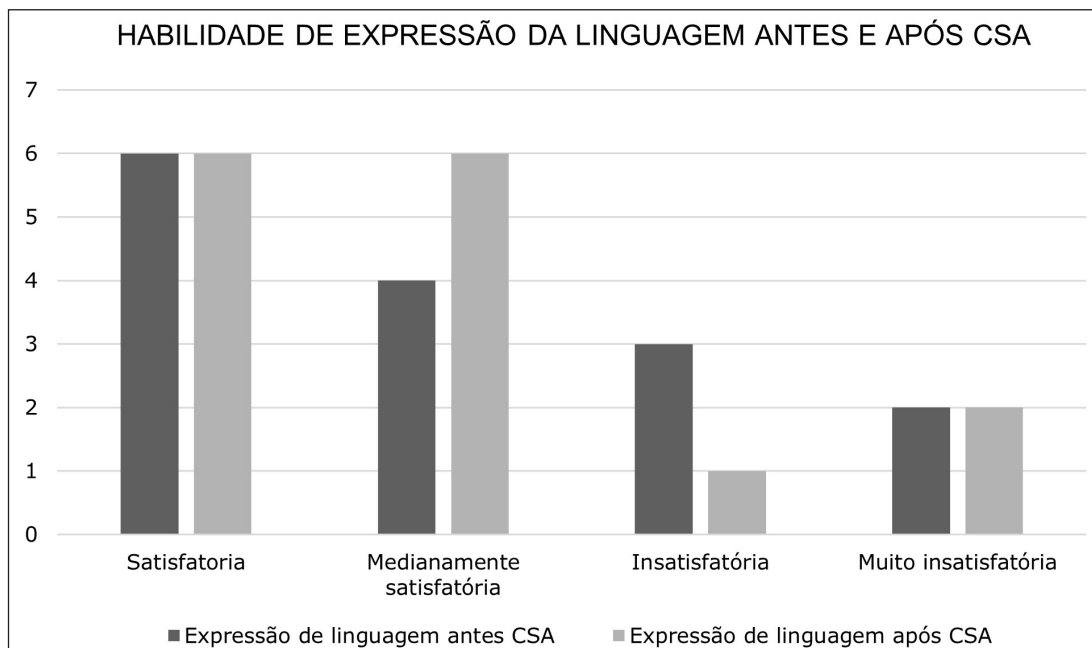


Figura 2. Representação em colunas da opinião de pais/cuidadores quanto a habilidade da expressão da linguagem antes e após implementação da Comunicação Suplementar e Alternativa.

Observou-se que a maioria dos participantes referiu ter percebido aquisição ou desenvolvimento de habilidades comunicativas por meio do sistema de CSA, os participantes referiram ter notado: 10 (66,7%) intencionalidade comunicativa, 7 (46,7%) troca de turnos e 3 (20%) início de turno. Sobre a percepção da importância da CSA nas relações dialógicas com a criança usuária de CSA, 11 (73,3%) afirmaram ser extremamente importante, 3 (20%) muito importante e 1 (6,7%) afirmou ser moderadamente importante.

As barreiras para a implementação da CSA dizem respeito ao conhecimento e disponibilidade dos outros sobre essa forma de se comunicar: 8 (40%), dificuldade para obter figuras/palavras e confeccionar pranchas 8 (40%), valor ou dificuldade para acessar aplicativos 3 (15%) e dificuldade para transportar as pranchas, 1 (5%). Sobre o grau de dificuldade ou facilidade que os pais/cuidadores tiveram para aprender a comunicar-se por meio da CSA, 7 (46,7%) responderam ter sido fácil e 8 (53,3%) responderam moderado. Sobre a percepção que tiveram sobre o grau de dificuldade ou facilidade para que as crianças aprendessem a se comunicar por meio de CSA, 3 (20%) fácil, 10 (66,7%) moderado e 2 (13,3%) muito difícil.

Discussão

Além da comunicação funcional, a utilização de sistemas de CSA também contribui para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e afetivas. Isso ocorre devido à organização corporal e à estimulação de funções mentais superiores como atenção, percepção e raciocínio, proporcionadas pelo uso desses sistemas⁶.

Nesse sentido, a CSA pode ser indicada para pessoas com uma ampla variedade de diagnósticos, abrangendo desde casos síndrômicos e condições neurológicas até transtornos de linguagem adquiridos ou do desenvolvimento. Pode ser empregada em todos os contextos sociais e terapêuticos¹⁵. A indicação, seleção e adaptação do tipo de CSA deve ser centrada no usuário, levando em consideração suas demandas específicas e potencialidades¹⁶. A avaliação individualizada, além de multidimensional, deve ser também colaborativa, envolvendo parceiros comunicativos como pais, professores e terapeutas¹⁷.

Por outro lado, a linguagem com suas manifestações não verbais pode ser frequentemente negligenciada diante de severos distúrbios de comunicação oral⁹. Os resultados desta pesquisa,

entretanto, demonstraram que a maioria dos pais e cuidadores participantes, consegue identificar mais de um meio de comunicação não verbal utilizado pelas crianças para expressar linguagem¹⁴.

Essa constatação reforça a importância de compreender as dimensões não verbais da comunicação, essencial para ampliar o olhar do interlocutor durante a interação comunicativa, favorecendo trocas dialógicas mais funcionais¹⁴. Quando há um foco excessivo nas alterações orgânicas da fala, o conteúdo das mensagens tende a ser desconsiderado, o que pode gerar frustração na relação dialógica¹⁸.

No entanto, observou-se que o uso da CSA em ambientes não familiares, segundo o informado pelos pais e responsáveis, ocorre com menor frequência quando comparado à utilização dentro do ambiente doméstico. Esse achado contraria a literatura, que aponta que o uso da CSA em todos os contextos sociais contribui para que o indivíduo assuma seu papel de autor e protagonista do próprio discurso, promovendo sua autonomia e inclusão¹. Dessa forma, torna-se essencial compreender os fatores que dificultam o uso da CSA nos contextos sociais mais amplos¹⁹.

Considerando esse cenário, e o papel central da família na implementação da CSA, é necessário desenvolver estratégias que estimulem a participação ativa de pais e cuidadores. Além da orientação individual, iniciativas como o envolvimento da família nas sessões clínicas, oficinas para confecção de materiais e grupos terapêuticos possibilitam o intercâmbio produtivo entre profissionais e familiares, o que favorece a adesão e a ampliação do uso da CSA em diferentes ambientes².

Entretanto, no que se refere à frequência de uso da CSA no ambiente familiar, os resultados desta pesquisa contrastam com os de outro estudo, o qual indicou que os pais e cuidadores relataram menor utilização da CSA em casa, por afirmarem compreender plenamente as mensagens transmitidas pelas crianças sem a necessidade de mediação⁴.

Ainda assim, embora o interlocutor deva atribuir significado linguístico às emissões do sujeito com severos distúrbios de comunicação, é fundamental garantir que o emissor não seja colocado em posição passiva. A efetiva aquisição e desenvolvimento da linguagem dependem de trocas dialógicas contínuas entre os usuários e seus pares^{4,14}.

Entre os aspectos observados, destacam-se, entre as habilidades comunicativas percebidas

pelos responsáveis: a intencionalidade, a iniciativa comunicativa e a troca de turnos. Há evidências de que o uso da CSA favorece a relação entre pais e filhos, promovendo o reconhecimento da criança com necessidades complexas de comunicação como um interlocutor ativo e dotado de intenção discursiva⁴.

Contudo, para além do núcleo familiar, é necessário envolver outros interlocutores, como amigos, professores e vizinhos. A inclusão da pessoa com deficiência (PcD), conforme previsto na Lei Brasileira de Inclusão, é responsabilidade tanto do Estado quanto da sociedade²⁰.

No contexto escolar, por exemplo, a promoção da educação inclusiva requer que os profissionais da educação tenham acesso a programas de educação continuada, de modo a estarem preparados para acolher, em suas salas de aula, crianças com deficiências e comprometimento da linguagem oral²¹. As dificuldades comunicacionais representam barreiras significativas no processo de aprendizagem, sendo a CSA uma estratégia eficaz na construção de recursos pedagógicos que favorecem o desenvolvimento desses alunos²².

Além disso, um estudo desenvolvido com crianças com deficiência intelectual e usuárias de CSA examinou os efeitos de intervenções focadas em consciência fonológica e na decodificação leitora, demonstrando que a CSA favoreceu a autonomia comunicativa e o desenvolvimento de habilidades iniciais de leitura, por meio de estratégias adaptadas às capacidades cognitivas, linguísticas e motoras dos participantes²³.

Logo, a CSA não deve ser vista como um entrave ao ensino, mas como uma ferramenta essencial à aprendizagem de seus usuários. Assim, a inclusão efetiva exige adaptações nas práticas de ensino e ações colaborativas entre a escola, a família e a sociedade²².

Ainda sobre os benefícios observados, o uso da CSA favorece a aquisição de habilidades comunicativas de crianças com necessidades complexas de comunicação, tais como: melhora na codificação de mensagens, maior inteligibilidade de fala, aumento de expressões verbais e não verbais, bem como o desenvolvimento de aspectos relacionados à pragmática⁶. Portanto, as intervenções com CSA realizadas precocemente podem reduzir o impacto da severidade dos déficits de linguagem²⁴.

Cabe destacar, também, a importância de dedicar atenção especial aos familiares, que consti-



tuem a principal rede de significação linguística da criança. Por essa razão, devem ser também foco de intervenção. Para que isso ocorra de forma efetiva, é fundamental compreender as expectativas da família em relação à CSA, seu nível de aceitação ao novo modelo de comunicação, suas condições socioeconômicas e estrutura familiar²⁵. Dessa forma, é possível identificar as barreiras à implementação dos sistemas de CSA.

De acordo com os dados desta pesquisa, as principais barreiras apontadas foram: a dificuldade para obtenção de figuras para confecção de materiais, o desconhecimento da CSA por interlocutores fora do núcleo familiar e a limitação de recursos financeiros.

As barreiras materiais e ambientais/sociais sobressaem como fatores limitantes ao uso da CSA. O custo dos recursos de baixa e alta tecnologia também foi citado por fonoaudiólogos como uma barreira relevante². E a relação entre renda familiar e o uso efetivo da CSA foi considerada diretamente proporcional⁴.

Apesar disso, o avanço da tecnologia móvel tem ampliado o acesso a novos recursos. Ainda assim, a implementação da CSA exige o suporte de profissionais capacitados para a seleção, adaptação dos materiais e treinamento dos parceiros comunicativos²⁵.

Outros fatores que devem ser considerados sobre a adesão a aplicativos de CSA dizem respeito à usabilidade e à flexibilidade interna com capacidade de personalização do vocabulário. Tais fatores impactam na experiência do usuário e de seus parceiros comunicativos e podem inclusive representar barreiras à efetiva implementação da CSA¹¹.

De modo geral, a maioria dos participantes desta pesquisa considera que o uso da CSA é extremamente importante para a mediação comunicacional com seus filhos/tutelados. A relevância e efetividade do uso de CSA para o aumento da qualidade de vida e comunicação de usuários e familiares foram amplamente discutidas e comprovadas^{1,15}.

Embora o número de participantes seja uma limitação, após um levantamento interno do total de famílias usuárias de CSA, verificou-se que, no período da coleta de dados, apenas essas atendiam aos critérios de inclusão.

A esse respeito, alguns fatores que poderiam justificar a baixa adesão aos recursos de CSA são: a falta de conhecimento dos cuidadores; insegu-

ranças e crenças em mitos sobre a CSA (como o de que seu uso atrapalha o processo de aquisição e desenvolvimento da fala); a falta de domínio técnico na área da CSA por parte de profissionais fonoaudiólogos e equipes multidisciplinares, o que pode acarretar resistência na indicação de seu uso, ou mesmo a indicação tardia; além da pouca disponibilidade de tempo dos profissionais para elaboração de materiais¹⁸.

Por fim, a participação desproporcional entre participantes do sexo feminino e masculino, reforça os achados da literatura sobre serem as mulheres as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos com deficiência^{26,27}.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa revelaram que os pais e cuidadores consideram os sistemas de CSA importantes para a comunicação de seus filhos/tutelados, embora não utilizem a CSA com frequência em ambientes sociais. Tal fato pode ser justificado pelas barreiras ambientais/sociais e materiais identificadas nesta pesquisa.

Os achados deste estudo realçam a necessidade de colocar a família do usuário de CSA também como um dos focos de intervenção. A adesão por parte dos interlocutores familiares pode contribuir para o sucesso na implementação da CSA. Além de analisar as necessidades específicas e potencialidades para cada indivíduo, deve-se identificar também as possíveis barreiras e traçar estratégias para reduzi-las.

Referências

1. Bonoto RC. Uso da comunicação alternativa no autismo: um estudo sobre a mediação com baixa e alta tecnologia [thesis]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2016.
2. Romano N, Chun RY. A comunicação suplementar e alternativa na percepção de familiares e fonoaudiólogos: facilitadores e barreiras. *CoDAS*. 2018; 30(4):1-9. doi: 10.1590/2317-1782/20162017138
3. Subsecretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (BR). Tecnologia assistiva. Brasília: CORDE [internet]. 2009 [cited 2022 Sep 19]. 138 p. Available from: <https://pt.scribd.com/document/173841788/Livro-Tecnologia-Assistiva>
4. Krüger S, Berberian AP, Guarinelo AC, Carnevale LB. Comunicação suplementar e/ou alternativa: fatores favoráveis e desfavoráveis ao uso no contexto familiar. *Rev Bras Educ Espec*. 2011; 17(2): 209–24. doi:10.1590/S1413-65382011000200004.



5. Krüger SI, Berberian AP, Cavalcante SM, Guarinello AC, Massi GA. Delimitação da área denominada comunicação suplementar e/ou alternativa (CSA). *Rev CEFAC*. 2017;19(2): 265–76. doi:10.1590/1982-021620171927316.
6. Miranda VS, Silveira KA, Rech ST, Vidor DC. Comunicação aumentativa e alternativa e habilidades de linguagem de crianças com paralisia cerebral: uma revisão sistemática. *Rev Bras Educ Espec* 2021; 27 (7): 445-58. doi:10.1590/1980-54702021v27e0007.
7. Deliberato D. Uso de expressões orais durante a implementação do recurso de comunicação suplementar e alternativa. *Rev Bras Educ Espec* 2009;15(3): 369–88. doi: 10.1590/S1413-65382009000300003
8. Rodrigues V, Borges L, Nascimento MC, Almeida MA. O uso da comunicação suplementar e alternativa como recurso para a interpretação de livros de literatura infantil. *Rev CEFAC*. 2016;18(3): 695–703. doi:10.1590/1982-0216201618313615.
9. Lier-DeVitto MF, Dudas TL. Institucionalização de pessoas com paralisia cerebral: a difícil relação sujeito–outro–linguagem. *ALFAL*. 2016; 32(1): 9–23. doi:10.5935/2079-312X.20160001.
10. Griffiths T, Clarke M, Price K. Augmentative and alternative communication for children with speech, language and communication needs. *Paediatr Child Health*. 2022; 32(8): 277–81. doi: 10.1016/j.paed.2022.05.001.
11. Laxmidas K, Avra C, Wilcoxon C, Wallace M, Spivey R, Ray S, et al. CommBo: Modernizing Augmentative and Alternative Communication. *Int J Hum Comput Stud*. 2021;145:102519. doi:10.1016/j.ijhcs.2020.102519.
12. Rezende AC, Chun RY. Diálogos com crianças e adolescentes não oralizados: constituindo vínculo parental e a comunicação com outros parceiros. In: Chun RY, Reily L, Moreira EC, Varela RC, Dainez D, organizators. *Diálogos na diversidade e o alcance da comunicação alternativa* [E-book on the internet]. 2019 [cited 2024 Nov 9] p. 19–33. ISBN978-85-5585-262-6
13. Massaro M, Deliberato D. Participação da família na confecção de tecnologia assistiva para pessoas com deficiência. *Rev Ciênc Educ*. 2015;1(32):163–78. doi: 10.19091/reced.v1i32.394
14. Manzini M. Efeito de um programa de comunicação alternativa para a capacitação de mães de crianças com paralisia cerebral não verbal [master's thesis]. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 2013.
15. Cesa CC, Mota HB. Comunicação aumentativa e alternativa: panorama dos periódicos brasileiros. *Rev CEFAC*. 2015;17(1): 264–69. doi: 10.1590/1982-021620150114
16. Camargo EP. Design centrado no usuário: análise de sistemas de apoio para comunicação alternativa. *Rev. Neurociênc*. 2019; 27:1–17. doi: 10.34024/rnc.2019.v27.10174
17. Griffiths T, Clarke M, Price K. Augmentative and alternative communication for children with speech, language and communication needs. *Paediatr Child Health*. 2022; 32(8): 277–81. doi:10.1016/j.paed.2022.05.001.
18. Ostroschi DT, Zanolli ML, Chun RY. Percepção de familiares de crianças e adolescentes com alteração de linguagem utilizando a Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF-CJ). *CoDAS*. 2017; 29(3): 8 p. doi: 10.1590/2317-1782/20172016096
19. Martinez LS, Pires SC. Perfil do atendimento fonoaudiológico voltado para a Comunicação Suplementar e Alternativa. *Rev Audiol Commun Res*. 2022; 27(2642): 7 p. doi: 10.1590/2317-6431-2022-2642pt
20. Brasil. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 6 jul. 2015.
21. Pletsch MD, Sá MRC, Rocha MGS. Tecnologias assistivas para a comunicação e a participação de crianças com a Síndrome Congênita do Zika Vírus. *Rev Ibero-Am Estud Educ*. 2021;16(4): 2971–89. doi:10.21723/riaee.v16iesp.4.16062.
22. Mantovi PKS, Hummel EI. Comunicação Suplementar e Alternativa: Saberes e práticas dos professores no atendimento de estudantes autistas. In: *Cantare* [Internet]. 2024 Nov 21; 21(2):1–24. doi:10.33871/2317417X.2024.21.2.9741.
23. Ulriksen LB, Bilet-Mossige M, Cogo-Moreira H, Øien R, Nordahl-Hansen A. Reading instruction for students with intellectual disabilities who require augmentative and alternative communication: A multiple single case study with baseline, posttest, follow-up, and maintenance. *Res Dev Disabil*. 2024;151:104790. doi:10.1016/j.ridd.2024.104790.
24. Wendt O. Current Trends in Augmentative and Alternative Communication Intervention for Minimally Verbal Autistic Children. *Psicol teor prat* [Internet]. 2024; 26(1):ePTPIC16624. Epub 16 Dez 2024. doi:10.5935/1980-6906/eptpic16624.en
25. Almeida DN, Lima MV, Guimarães RO. A implementação da comunicação alternativa e ampliada na família: dispositivos para inclusão. *Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*; 2012 set.; São Cristóvão, SE. São Cristóvão: 2012. p. 2971–89. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/10174/30/29.pdf>.
26. Carvalho CL, Ardore M, Castro LR. Cuidadores familiares e o envelhecimento da pessoa com deficiência intelectual: implicações na prestação de cuidados. *Rev Kairós Gerontol*. 2015;18(3):333–52. ISSN 2176-901x. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/27470/19438>.
27. Fonseca SC, Carvalho-Freitas MN, Alves BA. Investigação com mães de pessoas com deficiência intelectual: a redução da sobrecarga como um projeto de vida. *Rev Educ Espec*. 2020; 33:1–13. doi:10.5902/198468640373.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.